

**CONCURSO LITERÁRIO**  
**DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS**  
**E PENSIONISTAS DA CODEVASF**  
**“VIDA NOVA”**

**“O vale do São Francisco”**

***Álvaro Milton Lemos Quaglia***

Santos, guerreiros, heranças e memórias.

Uma vez um amigo, com o qual não me encontrava havia muitos anos, me disse:

-Não importa quanto tempo não nos vemos. Se realmente somos amigos parece que a última vez juntos foi ontem. Nossa amizade continua a mesma, e as lembranças como se tivessem acontecido há pouco. O mesmo acontece com os lugares em que passamos um bom tempo da nossa vida.

Ainda hoje lembro-me quando entramos na cidade de Propriá-SE e depois de tomar um golinho d'água, fomos para a sede do perímetro. Minha missão era instalar um sistema de acompanhamento de projetos e coletar alguns dados porque, na análise feita juntamente com o pessoal de Aracajú, nos pareceu que alguma coisa realmente não estava dentro dos parâmetros normais ou, pelo menos, um pouco estranho. Eram nossos famosos indicadores, que muito nos ajudavam a acompanhar e analisar o desempenho da nossa empresa. Apenas para lembrar, a equipe de monitoria era muito coesa, e atuávamos como um só elemento, sem frescuras e sem subterfúgios. O que era de fato realmente prevalecia.

Para uma visão mais realista daquela época, eu intimamente não estava com toda naturalidade e segurança que sempre apresentei no desenvolvimento das minhas obrigações como funcionário da empresa. Era um período de enorme insegurança pessoal, motivado pela convocação do então presidente a seu gabinete, a exato um dia antes daquela viagem. Na realidade estava sentindo como se aquela viagem fosse a minha despedida do Vale, que tanto amava. Olhava detalhes, observava com saudade coisas que já tinham incorporado em minha vida cotidiana. Era uma despedida daquele paraíso na terra. Voltando ao presidente, seu recado foi extremamente curto e grosso:

- Penso que seu atual emprego não está lá tão seguro, pois, o episódio com um órgão internacional não repercutiu bem e não foi nem profissional e muito menos Cortez.

O que ocorreu antes deste fato, e gerou este recado, foi um feito de meu orgulho, mais humano. Nosso presidente havia me dado a incumbência de fazer uma palestra para os diretores de um órgão internacional com os quais tínhamos estreitos laços de parceria financeira e técnica. Encurtando o caso, no dia da palestra, em um auditório de uma das maiores empresas estatais brasileiras, assim que ligamos o data show, ainda em preto e branco, apareceu a famosa e venerada logomarca da Codevasf. Como o homem é um ser constantemente levado pela emoção, ao ver nosso logotipo, que para mim e para muitos de nós é como um símbolo, uma marca nossa, como um brasão de guerreiros tupis, nosso e dos nossos barranqueiros, abandonei tudo que tinha preparado nos últimos dois meses, juntamente com todos os meus colegas da monitoria e deixei-me levar.

Minha reação foi desligar o *datashow* e, em alto e bom tom dizer:

- Senhores representante da nossa mais importante parceira internacional, diretores das estatais brasileiras e colegas. A Codevaas, ao meu ver, apresenta-se como a menor empresa em quantidade de empregados, porém a mais eficaz empresa pública atuante na área de irrigação e drenagem em toda America Latina, Caribe e África. E sei que todos que aqui estão a conhece muito bem, porem, mais uma vez, vou desobedecer as ordens do meu presidente e, no lugar de repetir o que todos os presentes já sabem, vou contar a história de um senhor muito rico e que tinha como *hobby*, voar em um balão.

É importante dizer que este senhor tinha verdadeiro pavor de altura e, mesmo assim, todos os dias, seu mordomo o ajudava a vestir o macacão adequado para a prática esportiva do balonismo. ajudava-o a subir na cesta e o deixa em posição correta de alçar vôo. Assim passaram-se muitos meses e eis que, em uma bela e ensolarada manhã de janeiro, a corda que impedia o aparelho de elevar-se a mais de um metro do chão, escapou das mãos do mordomo e nosso balonista, em uma verdadeira demonstração de

falta de coragem e pavor entrou em pânico, entre gritos e escabrosos palavrões, chegando mesmo a desmaiar.

O balão, desgovernado, aos poucos foi sumindo nas brancas e numerosas nuvens, cada vez mais arrastado pelos constantes e fortes ventos daquela manhã. A história não registra ao certo quantas horas o nosso herói ficou a deriva no lindo e maravilhoso céu brasileiro, conta que, depois de algum tempo, nosso personagem percebeu que encontrava-se a uns 50 metros do chão, muito próximo de terra firme. Embora exausto e visivelmente abatido, conseguiu visualizar, logo abaixo do seu balão, uma maravilhosa região com lindas mansões, um rio com volumosa quantidade de água e de forte correnteza, e, logo a leste, um deslumbrante mar azul, margeado de praias de areias brancas e cercado de coqueiros. Havia chegado provavelmente a um paraíso em terras tupiniquins, talvez nordestinas, cheio de uma quantidade enorme de banhistas aproveitando um dia de sol ameno.

Naquele magnífico cenário, em uma das mansões ali localizada, estava um senhor muito bem vestido, usando uma calça escura e camisa branca de mangas cumpridas, gravada borboleta e complementando um colete listrado. Ele estava acompanhado de uma senhora, provavelmente sua esposa. O senhor estava apanhando, em seu jardim, rosas vermelhas e as colocava em um cesta, que estava sendo levada pela senhora. Logo, nosso herói percebeu que aquilo era real, não havia morrido afinal.

Tomado por uma coragem fora do normal, gritou, lá de cima, no balão:

- Bom dia senhor! O senhor lá de baixo responde:

- Boa tarde seu balonista. Realmente ele não possuía a esta altura a mínima noção de tempo, que sá de espaço. Estava literalmente perdido. E nosso balonista continuou:

- Onde estou meu senhor? E mais uma vez, o senhor com uma voz firme e alta responde:

- O senhor está em um balão listrado e parcialmente murcho.

Nosso grande herói, com seus brios a flor da pele, responde:

- O senhor trabalha na Enterprise Logística e Financeira? E o senhor responde:

- Como adivinhou onde trabalho?

Nosso balonista imediatamente respondeu :

- Muito simples, nunca em minha vida tinha visto uma pessoa tão detalhista, tão precisa, porém tão inoportuna.

Por ter contado essa história, no lugar de apresentar o Relatório da Empresa, recebi o recado citado. Achei que perderia meu emprego e, como antes tinha falado, motivou meu desconforto e insegurança na missão que por hora tinha por desempenhar.

Continuando minha viagem, quando entramos na sede do perímetro, mesmo sem estar totalmente nas minhas condições normais de sanidade física e emocional, senti-me muito acolhido. Era como estar em casa, ver os frutos do trabalho de nossa equipe e dos servidores da Codé.

Percebi, apesar dos pesares, que estávamos em dezembro, época conhecida e festejada como período natalino, o que piorava um pouco minha preocupação. Qual não foi meu espanto quando percebi que o local estava caprichosamente decorado para uma festa junina. Sim, São João em dezembro! Fiquei sabendo que na época normal das festas juninas, os habitantes da região fazem, sim, uma pequena festa dedicada aos tradicionais santos, porém, a principal festa ocorre quando a colheita do ano termina. Se os resultados forem favoráveis, fazem uma grande Festa de São João. Provavelmente herança européia.

Foi para mim, mais uma maravilhosa surpresa e a confirmação de que nosso povo é infinitamente criativo e surpreendente. Somos guerreiros.

As surpresas não pararam por aí. Assim que saímos da caminhonete, já na sede do Perímetro, fomos recebidos com a costumeira e peculiar amabilidade dos nossos amigos da Codevasf. Um por um, fomos cumprimentados. Minha grande surpresa foi quando constatei que o meu representante local, o técnico responsável pelo levantamento das informações não estava no perímetro, e, também, não se encontrava na cidade, e sabem por quê? Porque ele ia se casar naqueles dias. Nossa assistente social contou-me que é um antigo costume daquela região o noivo fugir uma semana, pois, segundo a lenda, é neste período que o pai do noivo vai pedir a mão da noiva em casamento. Como pode ter uma resposta negativa o noivo fica longe. Só depois da resposta positiva o noivo retorna a sua residência. É uma forma de festejar, que normalmente chamamos de despedida de solteiro.

Assim, depois de muito trabalho, penso que ganhei de natal mais que não sair da Codevasf, ganhei conhecimentos sobre este maravilhoso país e um enorme amor pelas regiões onde passei sendo da CODÉ.

Ganhei amigos, e foi assim, entre trabalho e convivência nas horas de folga, que consegui ter uma enorme satisfação em viver parte de minha vida entre os habitantes do São Francisco, com os quais aprendi a respeitar novos costumes e o próprio Rio e pelos quais tenho uma grande admiração.

Lá também foi minha casa, meu lar distante e querido.

O destino une amigos, torna-os irmãos, e também separa pessoas, mas nenhuma força é tão grande que faça esquecer daquelas que, por algum motivo, um dia nos fizeram felizes, transformando lembranças em histórias, histórias em memórias, e estas juntas um enorme álbum de família.